



## AS DIFICULDADES DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA SURDOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID UFPEL

**JÚLIA MOREIRA GOMES<sup>1</sup>; BRUNA KRUGER GARCIA<sup>2</sup>; LETICIA STANDER  
FARIAS<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [julimoreiragomes@gmail.com](mailto:julimoreiragomes@gmail.com)*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [brunakrugergergarcia@gmail.com](mailto:brunakrugergergarcia@gmail.com)*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [leticia.stander@ufpel.edu.br](mailto:leticia.stander@ufpel.edu.br)*

### 1. INTRODUÇÃO

Após muitos anos de luta, a educação de surdos vem, cada vez mais, ganhando o apoio de nossa sociedade. Questões relacionadas a estratégias de ensino, aos tipos de materiais mais eficazes para o favorecimento da aprendizagem e à flexibilização de atividades para esse público têm sido consideradas por professores e pesquisadores.

No que diz respeito ao aprendizado de línguas, de acordo com o Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, capítulo I, artigo 2º, a pessoa surda “compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras”. Para o surdo, a Língua Portuguesa é, portanto, a sua segunda língua (L2), enquanto a Língua Inglesa, foco deste estudo, se caracteriza como uma terceira língua (L3).

Ao professor de língua inglesa, cabe, pois, ensiná-la de forma adequada às necessidades do aprendiz, oferecendo materiais e recursos visuais favoráveis ao contexto de aprendizagem da língua, com base nas habilidades de leitura e escrita. O domínio dessas duas habilidades, teoricamente, propicia ao aluno surdo uma autonomia na compreensão e na comunicação em língua inglesa. Embora os surdos tenham sua forma de apreensão das informações diferente daquela utilizada pelos ouvintes, isto não deveria constituir impedimento para o aprendizado de uma língua estrangeira.

Na prática, no entanto, o que se percebe é uma ineficácia no sistema escolar. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo fazer um levantamento de publicações científicas com foco na aprendizagem de língua inglesa por alunos surdos, além de refletir sobre as dificuldades encontradas, por duas professoras bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Letras - Licenciatura Português e Inglês da Universidade Federal de Pelotas, nesse contexto de ensino.

### 2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado através do método de pesquisa de revisão bibliográfica a partir da leitura do trabalho de monografia AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA SURDOS: OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES (COSTA, M C., 2012) e do artigo O ALUNO SURDO E A APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (ZUFFO, D, 2010). Além disso, foram analisadas as observações das professoras em formação,

bolsistas PIBID, ao se depararem com uma sala de aula composta exclusivamente por alunos surdos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo com avanços ao longo dos últimos anos, vários problemas persistem na educação de surdos. COSTA, M C. (2012, p. 24) aponta que não há material adequado e funcional no Brasil que sirva como base no ensino da língua inglesa para surdos e nem mesmo uma formação específica para a prática desse ensino.

Segundo a autora, o ensino da língua inglesa para surdos é sem dúvida um desafio, assim como é o ensino da língua portuguesa, mas com uma diferença relevante: o aluno não tem contato significativo com a língua inglesa, o que implica que o professor deverá dispor de outros conhecimentos, além do conhecimento linguístico, possibilitando que o aluno faça associações com figuras/imagens, por exemplo.

Outro desafio identificado a partir das observações das professoras bolsistas é a necessidade de o professor de língua inglesa contar com o auxílio de um intérprete de Libras. Sem a presença do intérprete é praticamente impossível que os alunos compreendam os conteúdos ministrados por um professor ouvinte, contribuindo, assim, para os baixos índices de participação e rendimento. O objetivo não deve ser apenas traduzir, mas buscar, juntamente com o professor, meios diferenciados de ensino para que o aluno surdo possa ser favorecido por uma aprendizagem pensada para suas necessidades e objetivos.

Observou-se que, por diversas vezes, os alunos apresentaram grande dificuldade em realizar atividades um pouco mais complexas que continham frases maiores, pois a maneira como a língua brasileira de sinais se configura não segue o mesmo padrão presente na língua portuguesa, nem na língua inglesa. Esse fato dificulta o entendimento de palavras quando estão inseridas em contextos específicos. O professor precisa, portanto, ao planejar suas atividades, considerar que os alunos surdos têm uma maior facilidade de compreensão da língua por meio do uso de vocabulário do dia a dia, com foco na estrutura geral da palavra/frase e não na sua forma gramatical.

No entanto, deve-se sempre ter em mente, conforme apontado por ZUFFO, D (2010, p. 15), que embora a surdez seja uma “fragilidade” ou uma deficiência, ela não acarreta danos cognitivos. A surdez não afeta a capacidade mental para aprender línguas. Segundo o autor, é importante percebermos que o aluno surdo possui as mesmas capacidades cognitivas que o aluno ouvinte, dadas as condições necessárias para que ele possa participar das diferentes atividades desenvolvidas na sociedade. O autor sugere em seu estudo uma proposta que contemple o ensino-aprendizagem de expressões da American Sign Language (ASL) para alunos surdos. Os resultados apontam que os alunos surdos conseguiram aprender com rapidez os sinais da ASL apresentados, mas demonstraram mais dificuldade em entender palavras e expressões da língua inglesa.

### 4. CONCLUSÕES

Por meio da revisão bibliográfica e das observações das aulas, foi possível refletir sobre as diferentes estratégias que podem ser utilizadas para auxiliar o professor no ensino de língua inglesa a alunos surdos. Adaptar o nível de dificuldade e a forma como as atividades são apresentadas, contar com o auxílio de

um intérprete, considerar o ensino da American Sign Language, e buscar sempre se apoiar na via lexical da língua, uma vez que os alunos surdos conseguem aprender melhor quando o ensino é focado na estrutura geral da palavra/frase e não na sua forma gramatical, podem ser o caminho para pensarmos em novos modelos de escolas e práticas metodológicas que garantam um ensino eficaz preparando o aluno surdo para ler e escrever em uma língua estrangeira.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Decreto nº 5.629, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436. Diário Oficial da União - Seção 1 - 23/12/2005, Página 28.
- COSTA, M C. **As Estratégias De Ensino De Língua Inglesa Para Surdos: Os Desafios E As Possibilidades.** 17 de dezembro de 2012. Especialização em Língua Brasileira de Sinais- Libras, Universidade Católica de Brasília.
- ZUFFO, D. O Aluno Surdo E A Aprendizagem De Inglês Como Língua Estrangeira. Governo do Estado do Paraná. **O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense.** Secretaria da Educação: Volume 1, 2010.